

DESLOCAMENTOS PARA A ESQUERDA E TOPICALIZAÇÕES
NO CRIOULO CABOVERDIANO

Maria Luiza Braga
Deptº de Comunicação Social-UFF

Resumo

Costuma-se dizer que a ordem das palavras nas línguas crioulas é mais rígida do que nas línguas não-crioulas. Alguns autores (cf. Lopes da Silva, 1957) afirmam que no crioulo caboverdiano a ordem é: Sujeito, Predicado, Complemento Indireto, Complemento Direto. A partir do exame de um corpus constituído por 40 horas de gravação do crioulo caboverdiano, observa-se que um certo número de orações não se conforma a esta descrição. Estas orações apresentam casos de TOPICALIZAÇÃO (TOPs) e DESLOCAMENTO PARA A ESQUERDA (DEs). Neste trabalho procuro mostrar que os casos de TOPs e DEs no crioulo caboverdiano podem ser melhor explicados quando se consideram as funções que estas construções desempenham no discurso.

Abstract

It is usually said that word order in creole languages is more restricted than in non-creole languages. Some authors (cf. Lopes da Silva, 1957) claim that the canonical order in Capeverdian Creole is: Subject, Predicate, Indirect Complement, Direct Complement. From the examination of a 40 hours recording corpus of Capeverdian Creole it was observed that a certain number of sentences do not fit in the predicted word order pattern. These sentences present cases of TOPICALIZATION (TOPs) and LEFT DISLOCATION (DEs). In this paper I try to show that TOPs and DEs in Capeverdian Creole can be better accounted for when we consider their function in discourse.

Por vezes ouve-se dizer que nas línguas crioulas a ordem das palavras é mais rígida do que nas línguas não-crioulas (Todd, 1974, p. 18). Com relação ao crioulo caboverdiano, Lopes da Silva, por exemplo, afirma que "*a ordem seguida invariavelmente no crioulo é a seguinte: sujeito, predicado, complemento indirecto, complemento directo.*" (1957:177)

Ao examinar a transcrição de um corpus constituído por 40 horas de gravação de fala coloquial no crioulo caboverdiano, observei que um certo número de orações não se conformava à descrição fornecida por Lopes da Silva. Oração (1) constitui um tal exemplo:

- (1) Bon, tubarãu, sem, senpe žent t'oiã nes baia¹
(OP B022)
(Dem..., tubarãu, sempre, sempre a gente vê nessa baía).

Em (1), tubarãu, o objeto direto, aparece no início da oração e não após o verbo como fora predito por Lopes da Silva.

Existe um outro tipo de oração em que um SN aparece no início da oração ao mesmo tempo em que um pronome coreferencial aparece em posição pós-verbal², como pode ser visto em (2):

- (2) Es sok, bo trazê_l pra li (OL A453)
(Este saco, traga-o pra cá).

Desde Ross (1967), estas orações, chamadas respectivamente TOPICALIZAÇÕES (TOPs) e DESLOCAMENTOS PARA A ESQUERDA (DEs), têm recebido considerável atenção e, neste artigo, examinarei al gumas de suas características e funções no crioulo caboverdiano. Primeiramente explicarei o tipo de material e metodologia usados neste trabalho e, em seguida, descreverei DEs e TOPs utilizando dois grupos de fatores lingüísticos. Finalmente mostrarei que as diferentes características lingüísticas de DEs e TOPs são melhor compreendidas quando se observam as funções que estas construções desempenham no discurso.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

O crioulo caboverdiano é falado na República de Cabo Verde, um arquipélago situado no Oceano Atlântico a cerca de 370 milhas das costas da África Ocidental. As ilhas que constituem este arquipélago estão divididas em dois grupos: Barlavento (San to Antão, São Vicente, Sal, Santa Luzia, São Nicolau, Boavista, ilha dos Pássaros, Branco e Raso) e Sotavento (Santiago, Maio, Fo go, Brava, Santa Maria, Luís Carneiro, Sapado, Grande e Cima).

Os colonizadores, portugueses principalmente, estabeleceram-se em diferentes épocas nas diferentes ilhas e este fato, juntamente com a dificuldade de comunicação entre as diversas ilhas, levou a uma grande variedade dialetal. Todavia é possível distribuir estas variedades dialetais em dois grupos correspondentes à divisão geográfica, como é apontado por Almada:

"O dialeto de Cabo Verde está fundamentalmente separado em duas principais partes, as quais correspondem à divisão geográfica do arquipélago em Barlavento e Sotavento... Depois desta primeira divisão há ainda a considerar as múltiplas diferenças dialetais entre as diversas ilhas de cada um dos grupos." (1961, p. 85)

As variedades faladas em Sotavento são mais "fundas", isto é, mais diferentes do português falado em Portugal, enquanto que as variedades faladas em Barlavento são mais "rasas", isto é, mais decreolizadas. Neste trabalho analiso a variedade dialetal falada em Mindelo - São Vicente.

A Ilha de São Vicente, descoberta no século XV, foi encontrada desabitada. As primeiras tentativas de povoação no século XVI falharam e no início do século XIX havia apenas uma centena de pessoas morando lá. Em 1838 o Ministro das Colônias ordenou que fosse fundada uma povoação em São Vicente, a que se deu o nome de Mindelo. Circunstâncias diversas determinaram o desenvolvimento da povoação que foi elevada à categoria de vila e, posteriormente, cidade. Atualmente com 41.792 habitantes (dados do censo de 1980) Mindelo é a localidade mais populosa de Cabo Verde e seu mais importante centro cultural.

As amostras de fala utilizadas aqui foram gravadas por mim em 1980. Como me interessava verificar a correlação entre fatores extralingüísticos e características e funções de DES e TOPs, entrevistei falantes de sexo, idade e classes sociais dife

rentes. Foram considerados dois grupos etários: falantes com menos de 30 anos e falantes com mais de 40 anos e duas classes sociais, rotulados de Baixa e Média.

Meu objetivo inicial era fazer uma análise quantitativa que me permitisse analisar as funções de DEs e TOPs e suas relações com o discurso que estava sendo desenvolvido. Mas para fazer tal análise eu necessitaria saber onde um DE ou TOP iria ocorrer no discurso e isto provou não ser possível. Apesar de meu corpus ser consideravelmente grande, a frequência dessas construções é baixa. Virtualmente qualquer SN poderia ocupar a posição mais à esquerda de um DE ou TOP, mas, DEs representam menos de 2% e TOPs menos de 1% do número total de orações do meu corpus. Conseqüentemente, considerando esta baixa frequência não pode usar a regra variável. Então, para descobrir as particularidades de DEs e TOPs, usei uma amostra de orações não marcadas (ONMs), isto é, orações que seguem a ordem canônica prescrita por Lopes da Silva. Descrevi-as usando os mesmos grupos de fatores utilizados na descrição de DEs e TOPs e comparei os três tipos de construção entre si.

Para caracterizar uma determinada construção como DE ou TOP usei a seguinte descrição proposta por Prince (1980, p. 8):

$$\left[\begin{array}{c} \left[\begin{array}{c} X_1 \\ \text{SN} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \dots \\ \text{S} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} X_2 \\ \text{SN} \end{array} \right] \dots \end{array} \right]$$

em que, para ambos os DEs e TOPs, X_1 e X_2 precisam ser coreferenciais, X_1 não pode ser vocativo. Para DEs, X_2 é um pronome pessoal. Para TOPs, X_2 é um espaço em branco.

Em crioulo caboverdiano, sujeitos, objetos diretos, objetos indiretos, adjuntos adverbiais e nominais, complementos nominais podem todos ser deslocados. Todavia a frequência de ocorrência em DEs não é a mesma para todos estes constituintes sintáticos: sujeitos e objetos diretos representam 82,5% do número total de DEs (551 DEs). Em relação a TOPs a situação é diferente: sujeitos normalmente não são topicalizados enquanto que frases verbais infinitivas e predicativos podem sê-lo. Outra diferença entre DEs e TOPs diz respeito às classes de palavras que podem ocorrer mais à esquerda nestas construções: nomes, pronomes indefinidos e pronomes demonstrativos podem ser deslocados e topicalizados, enquanto que pronomes pessoais ocorrem apenas em DEs³. Com respeito a classes de palavras e constituintes sintáticos que podem ser deslocadas e/ou topicalizadas o crioulo caboverdiano se aproxima de línguas como português, inglês e pidgin inglês de

Hawaii⁴ e se afasta dos crioulos falados no Caribe.

2. DÊs, TOPs, ONMs E GRUPOS DE CARACTERÍSTICAS LINGÜÍSTICAS

Nesta secção mostrarei como DÊs e TOPs se comportam com relação a dois grupos de fatores lingüísticos: *relação entre um referente e o discurso precedente* e *relação entre um referente e o discurso seguinte*. Mostrarei que as diferenças entre DÊs, TOPs e ONMs podem ser maiores ou menores dependendo do grupo de características consideradas.

2.1 - *Relações entre referentes de DÊs, TOPs, ONMs e o discurso anterior*

Para analisar as relações entre um referente e o discurso anterior, considere as seguintes categorias:

- I - Discurso imediatamente precedente: o referente já foi mencionado na primeira ou na segunda ou na terceira oração que precede o DÊ, TOP, ou ONM considerada naquele momento.
- II - Discurso precedente: o referente foi mencionado na quarta, ou na quinta ou na sexta orações precedentes.
- III - Discurso remoto: o referente apareceu em algum ponto do discurso precedente, em lugar anterior à sexta oração.
- IV - Não-ocorrência: aquele referente particular está sendo mencionado pela primeira vez no discurso.

Os resultados para este grupo de características lingüísticas encontram-se na Tabela 1.

A Tabela 1 mostra que, em relação ao grupo de características lingüísticas considerado aqui, o comportamento de DÊs e TOPs é muito semelhante: a metade dos referentes de SNs deslocados e/ou topicalizados tendem a ser mencionados no *discurso imediatamente precedente*. A tabela também mostra que referentes novos, isto é, referentes que não tinham sido mencionados ainda no discurso têm mais chance de ser deslocados e/ou topicalizados do que referentes que ocorreram no *discurso remoto* ou *precedente*.

Tabela 1
 Relações entre referentes de DEs, TOPs, ONMs e o
 discurso precedente

	DESLOCAM- ENTOS PA RA A ES- QUERDA		TOPICALI- ZAÇÕES		ORAÇÕES NÃO-MARCADAS					
					Posição pré-verbal		Posição pós-verbal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Discurso ime- diatamente precedente	314	57,0	173	56,5	29	33,0	123	25,5	152	26,5
Não ocorrência	119	21,5	72	23,5	27	30,5	236	48,5	263	46,0
Discurso remoto	77	14,0	47	15,5	30	34,0	121	25,0	151	26,5
Discurso precedente	41	7,5	15	4,5	2	2,5	5	1,0	7	1,0
TOTAL	551	100,0	307	100,0	88	100,0	485	100,0	573	100,0

Em relação a este grupo de fatores, referentes de DEs e TOPs diferem consideravelmente de referentes de ONMs, quer dos que aparecem em posição pré-verbal, quer dos que aparecem em posição pós-verbal. A tabela acima mostra que referentes que ocupam a posição pré-verbal apresentam quase que a mesma percentagem para três categorias: *discurso imediatamente precedente*, *discurso remoto* e *não-ocorrência*. Referentes de DEs e TOPs também diferem de referentes que ocupam posição pós-verbal em ONMs: quase que metade destes tendem a ser novos, enquanto que a percentagem para *discurso remoto* e *discurso imediatamente precedente* é a mesma. A tabela finalmente mostra que raramente o falante menciona referentes que ocorreram no *discurso precedente*.

A Tabela 1 sugere, então, que, em relação ao grupo de fatores considerados aqui, DEs e TOPs tendem a se comportar de forma semelhante, mas diferem de ONMs.

3.2 - Relações entre referentes de DEs, TOPs, ONMs e o discurso seguinte

Para analisar as relações entre um referente e o discurso seguinte, considereirei três categorias:

- I - Discurso imediatamente seguinte: o referente que está sendo descrito é mencionado na primeira, ou na segunda ou na terceira oração que segue imediatamente o DE. TOP ou ONM considerada.
- II - Discurso seguinte: o referente é mencionado em qualquer oração após a terceira oração que segue o DE, a TOP ou a ONM considerada.
- III - Não-ocorrência: o falante não menciona mais aquele referente do DE, ou TOP ou ONM no discurso seguinte.

Os resultados para este grupo de características são mostrados na Tabela 2.

Tabela 2
Relações entre referentes de DEs, TOPs, ONMs e o discurso seguinte

	DESLOCAMENTOS PARA A ESQUERDA		TOPICALIZAÇÕES		ORAÇÕES NÃO-MARCADAS					
					Posição pré-verbal		Posição pós-verbal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Discurso imediatamente seguinte	347	63,5	84	27,5	43	49,0	154	32,0	197	34,5
Não-ocorrência	146	26,5	188	61,0	23	26,0	220	45,0	243	42,5
Discurso seguinte	58	10,0	35	11,5	22	25,0	111	23,0	133	23,0
TOTAL	551	100,0	307	100,0	88	100,0	485	100,0	573	100,0

A Tabela 2 mostra que a maioria dos referentes de SNs deslocados tende a ser mencionada nas orações que seguem imediatamente um DE. Se o referente de um SN deslocado não é referido novamente no discurso imediatamente seguinte as chances para o mesmo não serem mencionados outra vez (não-ocorrência) são maiores do que as chances para o serem no discurso seguinte.

Com relação a este grupo de fatores lingüísticos o comportamento de TOPs é muito diferente: a tendência mais acentuada é para o referente de um SN topicalizado não ser mencionado no discurso seguinte (*não-ocorrência*). As percentagens também revelam que é mais provável que um referente de SN topicalizado seja mencionado no *discurso imediatamente seguinte* do que no *discurso seguinte*.

Se compararmos as figuras obtidas para DEs e TOPs com as obtidas para ONMs, observaremos que, por um lado, há uma semelhança grande entre referentes de SNs deslocados e referentes de SNs que ocupam a posição preverbal em ONMs e, por outro lado, uma semelhança grande entre referentes de SNs topicalizados e referentes de SNs que ocupam a posição pós-verbal em ONMs. A princípio, pensei que tal semelhança estivesse correlacionada com função sintática visto que TOPs envolvem quase que exclusivamente elementos pós-verbais e DEs envolvem muitos sujeitos (44% de 551 ocorrências). Para testar a procedência desta hipótese, reexaminei todos os casos de DEs e observei que os referentes de SNs deslocados, quer os que funcionavam como sujeito quer os que funcionavam como não-sujeito, apresentavam o mesmo padrão de distribuição, isto é, tendiam a ser mencionados no discurso imediatamente seguinte.

A Tabela 2 mostra, então, que, com relação ao grupo de fatores que está sendo considerado aqui, DEs e TOPs têm um comportamento bastante diferente. Além disso referentes de SNs deslocados assemelham-se a referentes que ocupam a posição preverbal em ONMs enquanto que referentes de SNs topicalizados assemelham-se a referentes de SNs que ocupam posição pós-verbal em ONMs.

3. DEs, TOPs e DISCURSO

Até então analisei algumas das características de DEs e TOPs no crioulo caboverdiano e agora gostaria de mostrar como estas características são melhor compreendidas quando analisamos as funções que estas construções desempenham no discurso.

DEs não ocorrem freqüentemente no tipo de discurso analisado aqui. A fim de estimar a freqüência relativa dos mesmos, escolhi aleatoriamente dezesseis falantes e contei todas as orações que apareceram na quinta, décima e vigésima página da transcrição de suas entrevistas e, em seguida, calculei a percentagem

de ocorrência de DEs: um pouco menos do que 2% do número total de orações.

Esta raridade juntamente com o fato de que DEs que envolvem elementos pós-verbais são construções marcadas no sentido de que um item ocorre fora de sua posição neutra e é posteriormente repetido na mesma sentença sugerem que DEs desempenham no discurso uma função diferente da de ONMs.

Em crioulo caboverdiano, DEs envolvem principalmente entidades evocadas que são mencionadas em ambos: *discurso imediatamente precedente* e *discurso imediatamente seguinte*. Muitos dos DEs são exemplos do que Keenan e Schieffelin denominaram "*collaborating discourse topic*" (1976, p. 342). Considerando que ambos, falante e ouvinte, estão atendendo a um referente e ainda o falante repete este referente por meio de um pronome coreferencial e, no caso de DEs envolvendo elementos pós-verbais, deslocamento da posição neutra, assumirei que, no crioulo caboverdiano, DEs são usados para focalizar a atenção do ouvinte em uma entidade.

Esta hipótese é reforçada pela análise de alguns tipos de DEs. Aqui considerarei apenas um certo tipo de DEs, aquelas envolvendo pronome coreferencial na função de sujeito. Este ocorre mais frequentemente quando há algum material lingüístico entre o item mais à esquerda e o predicado. Este material interferente apresenta dimensões diferentes: interjeição, sintagma adverbial, uma ou duas orações, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (3) Iñas idea, eh, eš ka mudá depos d'independensia
(AM B073)
(Minhas idéias, ah, elas não mudaram depois da independência).
- (4) Muje, as veš, eš ka ta endendê... (AB A361)
(Mulheres, às vezes, elas não entendem...)
- (5) Un om, ki ten doš o treš muje, el ka ten un salari... (OE B275)
(Um homem que tem duas ou três mulheres ele não tem um salário...).

DEs com material interferente são responsáveis por 70% (167 de 237 ocorrências) das DEs envolvendo pronome coreferencial sujeito e minha hipótese era que quanto maior o tamanho do material interferente, tanto maiores as chances de ocorrência de

um pronome coreferencial. A fim de testar esta hipótese escolhi aleatoriamente oito falantes e comparei todas as DEs envolvendo sujeito com todas as ONMs cujo sujeito fosse um SN cheio, isto é, um SN cuja cabeça fosse um nome, um pronome demonstrativo, ou um pronome indefinido. Os resultados são mostrados na Tabela 3.

Tabela 3

Distribuição de sujeitos em orações deslocadas e não-marcadas de acordo com o tipo de material interferente para 8 falantes

	Sujeitos Deslocados para a Esquerda		Sujeitos Não-Deslocados		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº
Nenhum material interferente	20	3,0	677	97,0	697
Interjeição, negação, advérbio	29	11,0	235	89,0	264
Uma oração	9	23,5	29	76,5	38
Dois orações	3	43,0	4	57,0	7

Estas figuras confirmam a hipótese de que quanto mais longo o material interferente, tanto maiores as chances de ocorrência de um pronome coreferencial. É possível que, quando algum material interfere entre o SN e o seu predicado, a atenção do ouvinte seja distraída do tópico considerado e, neste caso, o falante sinta necessidade de canalizá-la novamente. Repetição do tópico através de um pronome coreferencial seria um recurso disponível para o falante.

É possível que certos aspectos do discurso favoreçam a aparição de um DE. Observei que DEs, muitas vezes, ocorrem imediatamente em resposta a uma pergunta feita pelo entrevistador ou por alguém participando da entrevista. Parece que o falante foca sua atenção na entidade a respeito da qual foi feita a pergunta e, então, comenta sobre ela ou fornece a informação solicitada. Este tipo de construção envolve, principalmente, funções sintáticas outras que sujeito.

Também observei que quando uma entidade é referida diversas vezes no discurso precedente, o falante tende a deslocá-la. No exemplo abaixo, o falante interrompeu a entrevista e dirigiu-se a um dos empregados:

- (6) Nāu, bo t trazê sok pra li. Bo trazê es sok pra li.
Es sok bo trazêl pra li (OL A453).

Estes dois últimos exemplos sugerem que repetição ou ocorrência de um referente em certas posições pode ajudar a determinar a ocorrência de um DE. Ao estudarem passivas sem agente em inglês, Labov e Weiner (1979) mostraram que paralelismo de estrutura superficial é um fator poderoso na determinação de escolha de uma construção ativa ou passiva. É possível que um princípio semelhante também opere no caso de DEs.

TOPs desempenham funções diversas no crioulo caboverdiano, algumas ocorrendo com mais frequência do que outras. Entre outras funções, TOPs são usadas para estabelecer contraste e aqui vou me referir apenas a esta. TOPs com esta função são geralmente introduzidas pelas conjunções mas ou agora, ambas com significado adversativo. Pode ocorrer que algumas TOPs com força contrastiva não se iniciem com uma destas conjunções. Neste caso a conjunção aparecerá em algum ponto do contexto ou o próprio contexto, juntamente com algum outro artifício tal como cleft-sentence, realçará a força contrastiva. Cumpre esclarecer que contraste pode ser estabelecido por outros mecanismos que não TOPs. A grande maioria das TOPs envolvendo contraste apresentam um claro paralelismo: dois termos são mencionados e geralmente o mesmo verbo aparece nas duas orações, como o exemplo abaixo ilustrará. Geralmente só o segundo elemento do contraste será topicalizado embora haja casos em que o primeiro ou mesmo ambos os termos são topicalizados. DEs podem também ser usadas para estabelecer contraste mas sua frequência de ocorrência é baixa e, geralmente, não apresentam o claro paralelismo mencionado para TOPs.

Consideremos, agora, um exemplo de DE e um de TOP, com parte de seus respectivos contextos lingüísticos, examinemos suas funções e vejamos como estas podem explicar as diferenças referidas na Tabela 2.

- (7) ... moê N ka sab, purke N ka kriã... N k'abituã ta fazêl.
 Na irmã sin, ña irmã sabia tud, el sabia ... te si

fos preciz el ta matá un kabrit tud, ma min nãu.
Min nen un galiña, nen un boraç N ka ta matá. Min
é maš veía, N kriá sin ... ker dzê, N tiv n'êscôla,
el negã êstudã, fazê quarta klas (AN A365).

(Moer eu não sabia, por que eu não me criei... eu
não me habituei a fazê-lo. Minha irmã sim, minha
irmã sabia tudo, ela sabia ... se fosse preciso
ela matava até um cabrito, tudo, mas eu não. Eu,
nem uma galinha, nem um pombo eu mato. Eu sou a
mais velha, eu me criei assim, quer dizer, eu estu
dei, ela não estudou, fez quarta série...).

Aqui o tópico é o contraste entre as duas irmãs, suas
vidas, habilidades e características e a oposição cabrito/gali-
nha, pombo é apenas um elemento que ajuda a construir o contraste
maior. A oposição cabrito/galinha, pombo não é "assunto" princi-
pal e, uma vez desempenhado o seu papel, é abandonada para que o
falante retome o "assunto" central. Daí uma das razões porque os
referentes de TOPs tendem a não ser mencionados no discurso se-
guinte.

Considere, agora, um exemplo de DE:

- (8) Žent ta peská li žeralmente tud bot, tud bot é kun
karangež purke karangež... é sinpleš ešplikã.
Karangež eš ta pañãld not k'kafuka. Bó sabê ke ki
kafuka? Kafuka é un kandere d boka d lata eh... el
ka ten... eš ta btãl gasoil la nakel boka enton eš
ta metêl un torsida d'sok, ... el ta fzê kel grand
lum. Enton eš ta saí na lažed ta pañã karangež.
Karangež ta sgã... (AP A098)

(A gente pesca aqui geralmente todo bote, todo bo-
te é com caranguejo porque caranguejo... é fácil
explicar. Caranguejo porque caranguejo eles o pe-
gam à noite com cafuca. Você sabe o que é cafuca?
Cafuca é um candeeiro com boca de lata ah... ele
não tem ... eles colocam gasolina lá naquela boca,
então eles metem um saco torcido lá dentro, ele faz
um grande fogo. Então eles saem para o lajedo apa-
nhando caranguejo. Caranguejo fica cego...).

Diferentemente do exemplo (7), aqui o tópicu é caranquejo que tinha sido previamente mencionado e, em seguida, deslocado no contexto de uma explicação claramente pretendida como tal pelo falante. Relacionado a caranquejo há uma descrição relativamente longa de kafuka. Eu não acho que esta descrição tenha sido uma interrupção. Penso que foi um passo na construção do tópicu e o que é importante é que a descrição, embora longa, não distraiu a atenção do falante do "assunto" principal. Uma vez que a descrição terminou, o falante retoma o "assunto" e continua a desenvolvê-lo. Como os referentes de SÍNS deslocados são geralmente o tópicu de partes do discurso, eles tendem a ser mencionados no discurso seguinte.

Neste artigo descrevi DES e TOPs utilizando dois grupos de fatores: *relação entre um referente topicalizado e/ou deslocado e o discurso precedente* e *relação entre um referente topicalizado e/ou deslocado e o discurso seguinte*. Mostrei que com relação ao primeiro grupo de fatores lingüísticos, DES e TOPs comportam-se da mesma maneira, mas que, com relação ao segundo grupo de fatores, há diferenças bastante significativas. Mostrei que estas diferenças serão explicadas se levarmos em consideração a função que DES e TOPs desempenham no discurso. Mostrei também que, em relação ao crioulo caboverdiano, afirmações sobre a rigidez da ordem das palavras nas orações não fazem justiça à complexidade desta língua.

Muitos falantes do crioulo caboverdiano, principalmente os adultos, por vezes, sentem-se embaraçados por falarem uma língua "deturpada", "imperfeita". Atualmente há um movimento contra esta atitude e muitos, quer intelectuais, quer não-intelectuais, têm se esforçado para que sua língua seja considerada apenas uma língua e não uma espécie lingüística menos desenvolvida. As análises desenvolvidas aqui querem ser um apoio a mais a este esforço: os princípios operando sobre DES e TOPs e as funções desempenhadas pelas mesmas no discurso caboverdiano não são diferentes em natureza daqueles operando nas línguas "plenamente desenvolvidas".

Notas

- 1 Nesta transcrição utilizei as convenções propostas por Veiga (1979).
- 2 No caso de DEs envolvendo SNs não-sujeitos. No caso de DEs envolvendo sujeito hã, apenas, uma repetição e não uma violação da ordem proposta por Lopes da Silva.
- 3 DEs envolvendo pronomes pessoais não serão consideradas aqui. Conseqüentemente exclui do corpus de ONMs aquelas orações cujo sujeito era um pronome pessoal.
- 4 Confira, por exemplo, Prince (1980, 1981), Pontes (1981,1982) e Bickerton (1976).

Bibliografia

- ALMADA, M.D.O. (1961). Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialeto falado em seu arquipélago. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.
- BICKERTON, D. (1976). Change and Variation in Hawaiian English. University of Hawaii, Social Sciences and Linguistic Institute.
- KEENAN, E. & SCHIEFFELIN, B. (1976). "Topic as a discourse notion: A study of topic in conversations of children and adults". In: C. Li (ed.). Subject and Topic. New York, Academic Press.
- LABOV, W. & WEINER, J. (1977). Constraints on the agentless passive. University of Pennsylvania (mimeo.).
- PONTES, E. (1981). "Da Importância do tópicos em português". In: Anais do V Encontro Nacional de Lingüística. PUC/RJ.
- . (1982). "Topicalização e Deslocamento à Esquerda". In: Anais do VI Encontro Nacional de Lingüística. PUC/RJ.
- PRINCE, E. (1980). "A Functional Syntax Approach to Text Analysis: Left -Dislocation and Topicalization". Paper presented at the Symposium on Approaches to Text Analysis, University of Chicago.

- _____. (1981). "Topicalization, Focus-Movement, and Yiddish-Movement. A pragmatic Differentiation". Paper presented at the Seventh Annual Meeting, Berkeley Linguistic Society.
- ROSS, J. (1967). Constraints on variables in syntax. Tese de Doutorado (inédita). MIT, Cambridge, Massachusetts.
- SILVA, B.L. (1957). O Dialeto Crioulo de Cabo Verde. Lisboa, Imprensa Nacional.
- TODD, L. (1974). Pidgins and Creoles. London, Routledge and Kegan.
- VEIGA, M. (1979). "Algumas Observações para a Escrita de Barlavento". In: I Colóquio Lingüístico sobre o Crioulo de Cabo Verde. Mindelo.